CIDAC
Centro de Documentação
TL 3362

RELATORIO DE JAMES DUNN

Na sequência do relatório do ex--consul australiano em Dili, James Dunn, onde se acusa a Indonésia de ter chacinado milhares de timores aquando da invasão de Timor-Leste, uma delegação composta por cinco congressistas norte-americanos chegou no passado dia 13 a Jacarta, capital indonésia, para uma visita de 3 dias, com o fim de investigar tais acusações.

Por se tratar de um documento de um grande rigor no testemunho e de ter assumido uma enorme importância na luta pela defesa do povo timor face à agressão imperialista, iniciamos neste número a transcrição deste relatório.

A SITUAÇÃO EM TIMOR - LESTE

Relatório de entrevistas com refugiados de Timor - Leste

J.S. Dunn
Chefe
Secção Negócios Estrangeiros
do Serviço de Inquéritos Parlamentar.

11 de Fevereiro de 1977
Camberra

Visitei Portugal, entre 5 e 23 de Janeiro, por iniciativa de instâncias não-governamentais, entre as quais o Australian Catholic Relief e o Community Aid Abroad, que pagaram a minha viagem de avião para Lisboa. Estas organizações pediram-me para recolher informações sobre a sorte da comunidade de refugiados timores em Portugal e - se possível - sobre a situação humanitária no próprio Timor-Leste. A minha ideia era, sobretudo, poder obter uma imagem mais clara do que se tinha passado em Timor -Leste depois da invasão de Dili pela Indonésia, em 7 de Dezembro de 1975. O facto de quase todos os refugiados serem adeptos da UDT, entre os quais vários chefes deste partido, parecia oferecer uma oportunidade para obter uma visão um pouco mais equilibrada àcerca dos acontecimentos que levaram à guerra civil começada em Agosto de 1975, bem como sobre o que acontecou no Timor indonésio, quando os restos da UDT se retiraram para lá nos fins de Setembro de 1975, e sobre o como e quando da intervenção militar indonésia.

Há mais ou menos 1.500 refugiados timores em Portugal. Quase todos foram repatriados em vários contingentes entre Julho e Outubro do ano passado. O ponto de concentração dos refugiados era Atambua, no Timor indonésio, onde a maioria estava concentrada em acampamentos desde Setembro de 1975. Mas um pequeno número de refugiados tinha conseguido chegar a Atambua a partir de várias regiões de Timor-Leste, tendo alguns chegado pouco antes do momento da repatriação. Um pequeno número dos timores que estão em Portugal - talvez uns 25 - passou portanto uns meses sob ocupação indonésia. Alguns tinham trabalhado para eles, ou na administração por eles organizada. (...) Na comunidade timor em Portugal também se encontra um certo número de antigos chefes da UDT (...).

A Comunidade Timor em Portugal

A maioria dos refugiados timores, nomeadamente os que estão no Estádio Nacional, perto de Lisboa, vive em circunstâncias deprimentes. Vivem apinhados em simples barracas ou tendas. Neste momento, no entanto, estão-se a construir casas pré-fabricadas que devem melhorar a situação habitacional. Devido à presença de cerca de 500.000 refugiados de outras colónias portuguesas, e a má situação económica dum país que sofre um desemprego de 20% e uma inflação de 26%, pouca esperança há para a pequena comunidade timorense, cujos membros estão numa posição muito desfavorável na procu

ra de trabalho. Refugiados de Angola ou Moçambique são, em geral, melhor qualificados. Mais ou menos 95% dos refugiados querem vir para a Austrália, onde mais de um terço deles diz ter familiares. A maior parte destes veio para a Austrália como refugiados em Agosto de 1975. Além do seu desejo de se juntarem aos familiares, as razões principais que davam para quererem ir para a Austrália, eram: melhores perspectivas de conseguir trabalho e de fixar-se; desejo de viver num clima mais parecido com o de Timor; e, em geral, de não viver muito longe de Timor. Todos têm a intenção de retomar contacto com amigos e familiares quando a Indonésia permitir outra vez o acesso ao território.

Como na Austrália, também em Portugal a comunidade timor é de atitude modesta e leal para com a autoridade. O Alto Comissário para os Refugiados, Tenente-Coronel Ribeiro, disse-me que os timores - ao contrários dos portugueses de Angola e Moçambique - nunca se queixam e apenas raramente tentam fazer pressão para melhorar as circunstâncias da sua vida que, provavelmente, são as piores de todos os refugiados do país.

Os refugiados, dos quais já conhecia alguns antes, respondiam bastante espontâneamente a perguntas sobre a situação em Timor-Leste e as suas próprias experiências. Embora não pusessem objecções quanto à publicação das suas experiências, preocupavam-se com eventuais represálias em Timor-Leste e pediram-me que não publicasse os seus nomes. Concordei. Mas a maioria fez-me saber estar disposta a falar diante de qualquer funcionário australiano, ou membros duma equipa de inquérito, que quisesse apurar melhor os assuntos de que falávamos, sob condição de os seus nomes serem protegidos.

Esclareci os meus interlocutores de que tinha vindo a Portugal como pessoa particular e não representava o governo australiano. Também tentava esclarecer os que me davam informações de que não procurava provas para instituir um processo contra a Indonésia. Disse por várias vezes aos Timores que a Austrália mantinha boas relações com a Indonésia e que, embora muitos de nós se preocupem com os acontecimentos em Timor-Leste, também estamos convencidos de que o procedimento da Indonésia não pode ser apresentado duma maneira tendenciosa. Quando havia Timores que forneciam informação sensacional ou sensível, eu pedia-lhes, repetidas vezes, que não exagerassem as suas histórias. Lembrava-lhes de que as suas possibilidades de irem para a Austrália não seriam aumentadas pela informação que me prestavam. Um sacerdote Timor, Padre Francisco Fernandes, acompanhava-me na maioria das minhas visitas às comunidades de refugiados. Notei que também ele, repetidas vezes, exortava os Timores a não exagerarem os seus relatos.

Durante a minha visita a Portugal visitei acampamentos com, mais ou menos, 900 Timores e falei com, talvez, 200 deles. Mas apenas em casos específicos fiz apontamentos detalhados das conversas. Tratava-se, então, de casos específicos que eram mesmo importantes. Embora a sorte dos jornalistas Australianos surgisse regularmente nas conversas, era expressamente minha intenção, não aprofundar este assunto em Portugal. Mas fazia apontamentos cada vez que davam informação sobre este acontecimento. É preciso ter em mente que, com o escasso tempo e os meios de que dispunha, mal tinha ocasião de juntar material para provas exactas. Embora creia que os meus apontamentos, em geral, são de confiança, parece-me justificado continuar na recolha de informação mais detalhada junto dos refugiados timores

(continua no próximo boletim)

ASSINA O NOSSO BOLETIM !

6 meses ---------- 50$00
R. Pinheiro Chagas, 77-2º E.
Lisboa

==========

RELATÓRIO DE JAMES DUNN

==========

Prosseguimos hoje a publicação, iniciada no anterior boletim, do relatório de James Dunn, ex-consul australiano em Timor.

Como refugiados em Timor-Oeste

Todos os relatos da acção militar indonésia contra Timor-Leste e as circunstâncias sob a ocupação indonésia até Setembro de 1976, fornecem uma imagem crua da situação naquele território.

Excepto alguns chefes da UDT que gozavam da confiança dos indonésios, os timores eram, de facto, prisioneiros nos campos de refugiados, mesmo em Timor indonésio, segundo os próprios refugiados da UDT. Havia um grande número de relatos de como os adeptos da UDT eram, não somente desarmados, mas também roubados de tudo o que tivesse algum valor, obrigados a trabalhos forçados e, 48 horas depois de terem assinado, recebiam uma alimentação mínima, regra geral apenas 100 gramas de arroz por dia.

Um sacerdote formulou a acusação de que nada do que tinha sido enviado pela Cruz Vermelha Indonésia tinha chegado aos refugiados. Uma vez viu tendas no aeroporto e algumas quantidades de leite em pó no hospital de Atambua, mas os serviços hospitalares não estavam à disposição dos refugiados. Por outro lado, segundo este sacerdote, o número total de refugiados de Timor-Leste no Timor Indonésio nunca foi superior a 20 000. Disse ter presenciado o facto de os indonésios duplicarem conscientemente o número.

As circunstâncias nos campos de refugiados eram descritas como muito miseráveis. Condições médicas quase não havia e, em geral, os refugiados deviam pagar com a miséria de que ainda dispunham certos serviços, como por exemplo as injecções.

Entre Setembro de 1975 e Junho de 1976, muitas pessoas morreram por causa do mau tratamento. O bispo católico de Atambua e um certo número de timorenses indonésios mostravam sentir o sofrimento, mas apenas os militares dispunham de poder real. Em Atambua os refugiados eram regularmente humilhados. Ao falarem com militares indonésios deviam estar em sentido e às vezes eram obrigados a inclinarem-se e a dirigirem-se a eles com "bapak". Os campos de refugiados estavam sob guarda da armada e os timores não podiam entrar e sair livremente. Esta falta de liberdade continuou por muito tempo, mesmo depois de se afirmar que a situação em Dili e noutras cidades de Timor-Leste era outra vez segura.

Já de há muito tempo os refugiados tinham pedido licença para deixar Timor e ir para Portugal. Mas diziam que, se a comissão sob a chefia do general Morais e Silva e a Embaixada holandesa em Jakarta (que, sendo representante de Portugal, mostrava interesse a nível consular pela sorte dos timores em Atambua) não os tivessem defendido, nunca teriam obtido licença para abandonar Timor. Os chefes timores mostraram-me uma longa lista com nomes (calculo mais de 5 000) de timores que tinham pedido licença para ir para Portugal. Mas parece que só aqueles que, por acaso, estavam em Atambua entre Junho e Outubro de 1976, obtiveram licença para deixar o país. Entre estes encontrava-se um pequeno número de timores e de chineses que tinham conseguido chegar de Dili até ao ponto de concentração de Atambua.

Massacradas aldeias inteiras de montanheses

Sobretudo eu queria falar com aqueles timores que tinham vivido algum tempo em Timor-Leste depois da invasão indonésia. Entre os refugiados há cerca de 25 timores desta categoria e tive conversas mais ou menos prolongadas com mais de metade deles. Vista a importância dos seus depoimentos, eu tentava estar atento a que os seus relatos fossem o mais exactos possível. Em cada conversa, insistia em que não exagerassem ou distorcessem os acontecimentos. No entanto, sem excepção, mencionavam os excessos cometidos pelas tropas indonésias quando entravam em vilas e aldeias. Alguns destes depoimentos provinham de pessoas que diziam ter estado presentes. Outros relatos que apontei pareciam de fontes que pareciam de confiança (.....) que não tinham estado metidos na política em Timor-Leste e que, no princípio, não se tinham oposto com energia contra a "integração". Segundo os meus informadores, muitas das tropas indonésias matavam à toa desde o primeiro ataque contra Dili.

Mas (....) e (....) diziam ambos que as matanças nas aldeias das montanhas vitimaram muito mais pessoas do que em Dili. Nas montanhas, diziam, aldeias inteiras foram dizimadas com o avanço das tropas indonésias para o interior. Contaram-me como os indonésios mataram uma família inteira, só porque tinham ouvido dizer que a família tinha dado uma galinha aos soldados da FRETILIN; famílias foram mortas a tiro quando os indonésios descobriram uma bandeira da FRETILIN na sua casa. Segundo (....) toda a população chinesa de Maubara e Liquica foi morta a tiro pelas tropas indonésias quando entravam nestas aldeias. Um timor que disse ter acompanhado as tropas indonésias contou que, quando elas tomaram Remexio e Aileu, mataram todos os timores, excepto as crianças com menos de três anos, "porque tinham sido infectadas com a semente da FRETILIN". (....) contou-me também que os indonésios tinham morto a tiro mais de 150 pessoas na vila de Suai (na costa sul) porque tentavam impedir que as tropas indonésias violassem as suas mulheres.

2 000 refugiados mortos a tiro

Havia poucos relatos em primeira mão sobre a situação fora dos territórios Balibo/Maliana e Dili. Um destes é proveniente dum timor que contou estar em Baucau quando os indonésios atacaram a cidade em 10 de Dezembro de 1975. Disse que ao princípio havia poucas vítimas, mas que mais tarde as tropas matavam muitos chineses a tiro. Segundo este informador, tinha havido muitas pilhagens e, em Baucau, muitas raparigas tinham sido violadas. Contavam-me também que as lutas na área de Baucau / Los Palos / Viqueque tinham sido muito violentas no último ano, porque a FRETILIN efectuava lá operações intensivas.

Um timor (....) falava sobre um acontecimento ocorrido perto de Lamaknan (Lakmaras), um local de Timor-Leste próximo da fronteira. Este informador disse que (....) em Junho do ano passado, tinha ido de carro para esta área, onde as tropas da FRETILIN eram activas. Os indonésios incendiavam as palhotas dos refugiados timores. Quando os refugiados protestavam, os indonésios apontavam-lhes as espingardas. Segundo esta testemunha, que disse ter presenciado estes acontecimentos, as tropas tinham morto a tiro, calculava ele, 2 000 timores, dos quais alguns estavam de joelhos e outros tinham as mãos no ar. Entre as vítimas, dizia, havia mulheres e crianças.

Certo número de refugiados relatou os acontecimentos em Dili na altura da invasão indonésia e logo depois desta. Vários refugiados, tanto chineses como timores, estavam em Dili no momento da invasão e alguns ainda lá estavam em Setembro - Outubro do ano passado. Um deles (....) passou duas semanas de Abril em Dili, enquanto pelo menos dois dos refugiados se encontravam entre os que tinham sido levados para Dili, a fim de participarem no "acto de livre escolha".

(Conclui no próximo boletim)

RELATORIO DE JAMES DUNN

Concluimos hoje a publicação, iniciada nos números anteriores, do relatório de James Dunn, ex-consul australiano em Timor.

Execuções num mosteiro

Alguns timores contaram factos sobre o comportamento das tropas indonésias durante a invasão. Segundo várias testemunhas, havia em 6 de Dezembro, imediatamente antes da invasão, um pressentimento geral de que um ataque indonésio estava eminente. Unidades da FRETILIN retiraram-se para trás de Taibesse, em direcção às montanhas. Muitas pessoas fechavam-se dentro das suas casas, mas um grupo bastante grande dirigiu-se para a ireja de Santo António, perto do farol na avenida em frente do porto de Dili. A igreja era um bom posto de observação se houvesse uma invasão indonésia. Conforme os relatos doe refugiados, barcos de guerra bombardearam Dili antes do nascer do sol, e um grande número de aviões metralharam a cidade, sem causar grandes danos. Quatro pessoas, dois timores e dois chineses, referiram-se à violência indiscriminada das tropas indonésias. Duas das pessoas que se tinham refugiado na igreja contaram-me que os paraquedistas, logo depois de chegarem a terra, pouco depois do nascer do sol, começaram a abater a tiro pessoas que estavam na rua. Um refugiado contou que vários paraquedistas se afogaram, porque cairam na baia, em vez de poisarem em terra. Uma refugiada que se encontrava nesse momento na igreja contou:

Às 7 da manhã, disse ela, tinha visto como os paraquedistas indonésios abateram a tiro uma mulher na garagem da paróquia, ao lado da igreja, e duas outras em frente da igreja, apesar de elas levantarem as mãos ao ar. Mencionou os nomes de duas delas. A seguir as tropas indonésias ordenaram a todos os que se encontravam perto da igreja que entrassem.

Às 9 da manhã do dia seguinte estas pessoas e outras receberam ordem dos soldados indonésios para irem ao estaleiro, onde estavam presas cerca de 27 mulheres, algumas timores, outras chinesas. Ela disse que um certo número de mulheres tinham crianças com elas e que todas choravam. Os indonésios arrancavam as crianças às mães e davam-nas à multidão. A seguir as mulheres foram abatidas a tiro, uma por uma. Os indonésios deram ordem aos presentes para fazerem a contagem.

Às duas horas da tarde 59 homens, chineses e timores, foram levados para o estaleiro. Um deles era (....) cuja viúva, segundo me contava a minha informadora, se encontra agora com dois filhos na Austrália. Estes homens eram abatidos um por um. De novo os presentes tiveram de fazer a contagem. Foram cerca de 500, calculava ela. As vítimas deviam pôr-se na ponta do cais, de modo a que os corpos caissem na água ao serem abatidos. Os soldados indonésios abriam fogo sobre os corpos na água, quando estes ainda davam sinais de vida. Muitos dos homens - tal como o tinham feito as mulheres antes de serem executadas - suplicavam aos indonésios, alguns de joelhos, mas ninguém do grupo foi poupado. Um outro informador contou-me que no dia seguinte os corpos deram à costa, em frente da casa do bispo, tendo os timores recebido ordens para os retirar daí. Estes informadores disseram-me terem ouvido dizer que as execuções no estaleiro tinham continuado.

Ódio à bandeira australiana

Houve um chinês que afirmou ter ouvido duma testemunha ocular dados àcerca desta matança cega. Viu como os indonesios abateram a tiro um grupo de dirigentes chineses, na rua, ao pé do Hotel Mimosa, e o condutor de um jeep da Cruz Verme

lha, que era conhecido como tal. Um outro relatou a matança de um grupo de trinta pessoas, no dia seguinte ao da invasão, fora do antigo quartel general da polícia militar. Havia vários relatos sobre o assassínio de um grande número de homens chineses, separados das suas famílias e a seguir abatidos a tiro. Uma destas execuções teria tido lugar no loja Toko Lay. O meu informador disse que os indonésios se tinham enfurecido ao verem a bandeira australiana hasteada no terceiro piso deste edifício. Subiram e abateram todos os homens que se encontravam numa das salas - ao todo 20 refugiados. No dia seguinte ao ataque jaziam cadáveres espalhados por toda a parte, em todas as ruas de Dili, sendo muitos deles de mulheres e alguns de crianças. Pelo menos dois refugiados em Portugal contaram-me terem recebido ordem das tropas indonesias para ajudar a arrumar os cadáveres.

Segundo um informador, um grande número de timores foram abatidos na área de Taibese, onde os indonésios mataram famílias inteiras, apanhadas nas casas em que havia bandeiras da FRETILIN hasteadas. Outros contavam que os indonésios tinham morto muita gente perto do aeroporto, lançando simplesmente granadas de mão para dentro das casas. (....) mencionou um número de 60 pessoas mortas desta maneira. Conforme o testemunho de (....) foram os chineses quem mais sofreu durante os primeiros dias a seguir à invasão. Só no primeiro dia, disse ele, ouviu dizer que pelo menos 500 chineses tinham sido mortos pelas tropas indonésias. Além dos massacres na área do estaleiro e do quartel general da polícia, segundo os meus informadores, grupos de pessoas foram abatidos conscientemente em Villaverde, ao pé de Sang Tai Hu, Santa Cruz, ao pé da loja de Lay Ju Man, junto do antigo consulado australiano (onde um certo número de enfermeiras teria sido abatido), fora da casa de João de Martines, um antigo director da Alfândega, e ao pé do antigo quartel general da Cruz Vermelha Internacional.

Até as janelas foram roubadas

Todos os refugiados disseram que os soldados indonésios, logo desde o primeiro dia da invasão, pilhavam em grande escala. Imediatamente a seguir à invasão perto de Dili, conforme o relato de várias testemunhas, a maior parte da população da cidade recebeu ordens para se dirigir para um local perto do aeroporto. Quando regressaram, as suas casas estavam completamente pilhadas e em certos casos mesmo totalmente vazias. Carros, rádios, móveis, serviços e talheres, até janelas foram levados para os barcos que estavam no porto e que mais tarde se afastaram de Timor. A maior parte dos carros deixados em Dili foram levados para bordo pelos soldados indonésios. A maior parte dos tractores que estavam na área de Dili também foram levados, segundo os informadores. As igrejas e o seminário também foram pilhados e os livros deste último foram queimados.

De acordo com as declarações dos refugiados, as execuções na área de Dili continuaram até ao fim de Fevereiro. Apenas o terreno das execuções tinha mudado do estaleiro para Tasitalo, perto do aeroporto, diziam. Segundo um informador, ainda em 17 de Agosto do ano passado, algumas pessoas foram mortas por se terem recusado a participar nas festividades do Dia da Independência Indonésia. Uma informadora disse que conhecia pelo menos três das vítimas: entre as quais um chinês (....) que ela conhecia bem. Conforme um depoimento, alguns indonésios, nomeadamente alguns oficiais, tentaram, entre Março e Abril de 1976, melhorar as relações com a população local. Mas, segundo este informador, estas tentativas eram continuamente contrariadas pela continuação das pilhagens e pelas violações praticadas pelos soldados. Contaram-me que os soldados indonésios tinham o costume de agarrar raparigas jovens, carregá-las em camiões, para depois as violar. Também se acusava uma unidade especial de informação, que operava a partir do último andar do Hotel Tropical, de recorrer regularmente a torturas para obter informações sobre a FRETILIN. O oficial que chefiava esta "unidade de interrogações" era o major Yusman, que trabalhava sob as ordens do chefe supremo do serviço de informação de Timor-Leste, ccronel Sinaga, um homem que, como se diz, é odiado e temido. Uma testemunha feminina disse conhecer duas mulheres que foram torturadas para se lhes arrancar informações sobre a FRETILIN. Disse que (....) e (....) foram despidas até estarem nuas e que os

seus seios foram queimados com cigarros. Disse também que foram utilizados choques electricos nos seus corpos.

Disseram-me que Dili se tinha tornado relativamente segura depois de Abril, embora ainda se pudessem ouvir tiros durante a noite. (....) disse-me que quando foi de carro de Dili para (....) (distanciado mais ou menos 5 Km da cidade), em Abril de 1976, o seu jeep era acompanhado por três blindados e um camião cheio de soldados. Durante a viagem apanharam alguns tiros e os soldados indonésios insistiram em estar de regresso antes da noite cair. Embora Dili estivesse relativamente calma depois de Abril, os refugiados falavam duma crescente falta de alimentos. Uma mulher que deixou Dili em Setembro disse que as relações entre os indonésios e a comunidade timor e chinesa eram muito más quando ela partiu. Disse também que havia muito pouca alimentação disponível para a população de Dili, e que quase nada era posto à disposição das pessoas de fora da cidade. Disse que era possível obter uma ração de três pequenas latas de leite condensado com arroz por semana, mas que as pessoas mais simples não podiam arranjar carne. Disse que se comia carne de cão, quando era possível encontrá-la. Um certo número de lojas estava novamente abertas, mas sob a gerência de indonésios ou árabes (uma pequena comunidade islâmica na área de Dili que apoiava a Apodeti), mas o povo não tinha dinheiro para comprar o que estava à venda.

Todos os refugiados diziam que os indonésios continuavam a tomar uma atitude de hostilidade arrogante para com a população local. Em geral os timores tinham de fazer continência quando falavam com os soldados rasos indonésios. Se recusavam, batiam-lhes. Quando as casas já não tinham nada, os soldados indonésios viravam-se para os túmulos dos europeus e dos timores mais abastados. Contaram-me (....) que os indonésios desenterraram o túmulo do Padre Martins em Maliana (há doze anos passei uma noite na missão dele) e lhe arrancaram os dentes de ouro. Também os túmulos dos chefes das povoações eram escavados pelos soldados indonésios à procura de espólios (os chefes timores em geral são enterrados com uma parte das suas joias).

Os refugiados disseram que o oficial indonésio mais graduado em Dili era o brigadeiro-general Dading. Era descrito como o "Panglima" ou comandante das forças armadas em Timor-Leste. Mas o comandante supremo era o major-general Moerdani, que quase sempre vivia em Kupang, segundo me contou um chefe da UDT. Outros oficiais de alta patente em Dili eram o coronel Sinaga e o major Anton Papilaya, que era um responsável altamente colocado no sector das informações. O general Dading vivia numa casa na área do Farol, que antigamente era habitada por um major português. Todas as casas da área do Farol, que antes eram habitadas por funcionários, estavam agora, conforme me disseram, ocupadas por tropas. Quando as delegações das Nações Unidas ou estrangeiras visitavam Dili, as tropas eram mandadas para fora da cidade ou vestidas à civil. Tanto o comandante militar como o governo provincial de Araújo estavam instalados no palácio governamental. Os funcionários timores do governo provisório tinham no entanto pouco poder, porque Timor é dominado pelos militares que se encontram em cada escalão do governo.

Vários refugiados contaram-me que os indonésios tinham instalado um cemitério de guerra numa praça em frente do estaleiro. (....) disse que havia mais de 600 campas neste cemitério, e que além deste ainda havia cemitérios em Maliana, Ainaro, Baucau e Batugadé. Em Maliana viu a campa dum brigadeiro general. Um timor (....) disse que em Dili havia quase 1000 campas indonésias e que um dos mortos era um tenente-coronel. Segundo estes relatos, mais de 3000, talvez mais de 5000 soldados indonésios foram mortos nas lutas em Timor-Leste. Disseram-me que a resistência da FRETILIN (e numerosos membros da UDT e mesmo da APODETI tinham-se juntado à FRETILIN depois da invasão, segundo me disseram), era de tal maneira uma realidade, que o governo indonésio apenas se estendia até alguns quilómetros fora dos centros populacionais. A terrível matança cega tinha afastado a população e provocara um grande apoio à FRETILIN por parte do povo.

Perguntei aos chefes da comunidadade dos refugiados se era possível que tivessem sido mortas em Timor-Leste 200 000 pessoas. Todos me disseram que este número era crível, tendo em conta os massacres generalizados nas regiões montanhosas e os grandes bombardeamentos (contava-se que nos últimos meses se usava napalm). Muita gente tinha abandonado as grandes cidades e as aldeias e encontravam-se agora nas montanhas, em áreas que estavam mais ou menos sob administração da FRETILIN. Os timores (.....) diziam que havia em Setembro mais ou menos 30 000 indonésios em Timor-Leste. A última informação relacionada com a situação em Timor datava de Novembro. Um chinês que tinha deixado Dili naquela altura (....) disse que com o começo da época das chuvas a situação de insegurança tinha piorado. A alimentação era muito escassa em Dili, porque não podia ser transportada das áreas onde era produzida.

Informações sobre os jornalistas australianos assassinados ou desaparecidos

Um certo número de timores deram informações sobre o incidente de Balibó e a sorte de Roger East. Entre estas testemunhas encontravam-se chefes de (....) e timores que diziam ter estado em Balibó no dia do ataque, durante o qual os cinco jornalistas australianos foram mortos, ou seja na quinta-feira, dia 16 de Outubro de 1975. Alguns outros passaram lá pouco tempo depois do incidente e deram informações em segunda mão de que os jornalistas tinham sido mortos. Mais uma vez devo insistir em que não era minha intenção fazer um inquérito à parte sobre a morte dos jornalistas, mas sim que eu estava em Timor na altura do incidente de Balibó, parecia-me estar dado juntar estes dados.

Um chefe de (....) disse que o ataque contra Balibó e Maliana no dia 16 de Outubro de 1975 foi a primeira grande intervenção em Timor. No entanto, no dia 6 de Outubro já tinham atacado Batugadé, obrigando as tropas da FRETILIN a retirarem-se para Balibó. Ele disse que o ataque contra Balibó e Maliana era um assunto exclusivamente indonésio, sob o comando do coronel Dading (mais tarde promovido a brigadeiro-general). O ataque propriamente dito contra Balibó era comandado por um major, Lopes da Cruz, um pequeno número de timores - entre 50 e 100 - acompanhava os indonésios, cada qual com um papel definido, tais como o de portadores e guias. Eram dirigidos por Tomás Gonçalves, que há uns meses tinha sido chefe da APODETI em Timor Indonésio. Este informador disse que ele próprio não tinha ido para Balibó naquele momento mas que, segundo as informações que tinha recebido dos seus homens que tinham ido com os indonésios, o relatório de Martins estava, na generalidade, certo. Disse que todos os jornalistas tinham sido mortos à queima-roupa, de propósito, e não acidentalmente. Disse também que estes tinham sido mortos por cadáveres e que [illegible] estavam [illegible] como prova de que os jornalistas lutavam ao lado da FRETILIN. Disse que, apesar de não ser testemunha ocular, tinha visto a fotografia. Depois disso ouviu dizer que o Basin (serviço indonésio de informação) tinha decidido não fazer uso dela. Este informador e dois outros refugiados (entre os quais um sacerdote) contaram-me separadamente que João Tavares (antigo chefe da UDT, que ligou a sua sorte aos indonésios e agora é deputado indonésio) estava em Balibó mais ou menos no momento em que os jornalistas foram mortos e roubou o relógio de um dos jornalistas mortos e uma máquina fotográfica de um outro cadáver. Um timor (.....) disse que esteve na aldeia pouco depois da morte deles. Disse que tinha visto os corpos de pessoas que julgava serem os jornalistas, na casa de Lay Fah Dhang. A seguir os cativeiros foram transportados para outra casa e queimados. Também disse que (....) tinha ido para Balibó com os indonésios e viu como um jornalista tinha sido abatido por um indonésio, cujo primeiro nome, segundo julgava, era Gabriel. (....) tinha dito que dois dos jornalistas tinham sido abatidos dentro da casa e os outros fora.

Um timor (....) tinha também outra informação sobre a morte dos jornalistas. Disse que, embora ele próprio não estivesse presente no momento do ataque contra Balibó, toda a gente estava a par do facto de que os jornalistas tinham sido mortos na casa de Lay Fah Dhang. (....) disse que estava em Balibó quando

alguns diplomatas australianos visitaram a cidade para fazerem um inquérito sobre a morte dos jornalistas. Acrescentou que os indonésios davam ordens aos timores para que desaparecessem do centro. As tropas indonésias tinham sido vestidas à civil e foi com eles que os diplomatas australianos contactaram. O único timor com quem os australianos tinham falado, disse ele, era o João Tavares, agora bupati do distrito de Maliana. Disse que não tinham levado os diplomatas à casa onde os jornalistas tinham sido mortos, mas conduziram-nos a uma outra casa, a de Lay Cam Nhang. (....) também informou que João Tavares, no momento do incidente, tinha roubado algumas coisas dos cadáveres dos jornalistas, entre as quais um relógio e uma máquina fotográfica.

Um outro timor (....) informou-me que um grande amigo dele tinha acompanhado os indonésios no seu ataque contra Balibó. Disse que (....) lhe tinha contado que tinha visto um jornalista no terreno em volta da casa e dois outros com as mãos no ar. Segundo este timor, o amigo dele contou-lhe que tinha visto que estes dois jornalistas tinham sido abatidos pelas tropas RPKAD. Por fim houve ainda um relato de um timor que disse que (....) ia para Balibó mesmo no momento do ataque, na manhã de 16 de Outubro. Entrou na aldeia pouco antes de as tropas lá chegarem. (....) entrou na casa de Lay Fat (também chamado Lay Fah Nhang) e viu vários cadáveres no chão. Um australiano, no entanto, não estava morto. Corria sangue duma ferida na cabeça, mas estava sentado, direito, e falava para um gravador ou para um rádio. Enquanto estava no quarto, entrou um soldado indonésio e abateu a tiro o australiano ferido. Uma outra informação veio através de (....) que disse que tinha ido com Tomás Gonçalves para Balibó e que tinha visto os cadáveres dos jornalistas, que naquele momento jaziam em frente da casa de Lay Fah Nhang. Disse que não podia aproximar-se dos cadáveres.

Sobre Roger East ouvi só uma coisa. Supõe-se que se encontrava em Dili no dia 7 de Dezembro de 1975. Um chefe timor disse-me que, embora não tivesse informações em primeira mão sobre o que tinha acontecido a East, ele tinha visto o passaporte dele juntamente com umas folhas de apontamentos sobre uma aterragem de paraquedistas. O seu informador disse que um funcionário lhe tinha dito que as tropas indonésias tinham abatido a tiro East e alguns timores num apartamento em Dili, entre o Sporting Club e o BNU (Banco Nacional Ultramarino) em 7 ou 8 de Dezembro de 1975.

Conclusão

Uma análise da informação que recolhi junto dos refugiados em Portugal aumenta consideravelmente o peso dos relatórios, apenas esboçados, até agora recebidos na Austrália, e provenientes de fontes indonésias, timores, chinesas e da FRETILIN, segundo os quais a conquista militar de Timor-Leste pela Indonésia foi uma operação sangrenta, durante a qual se cometeram crueldades de caracter inquietante contra a população civil. Estes relatórios sobre o comportamento indonésio em Timor-Leste dão mesmo a impressão de que a sorte deste povo poderia ser - falando em termos de relatividade - a violação mais grave dos direitos do homem com a qual o mundo é neste momento confrontado. É impossível dar fundamento a informações de que um sexto da população teria sido morto, e muito menos isso se pode provar, mas o facto de estas informações continuarem a circular dá uma ideia da dimensão da tragédia em Timor.

Os relatos dos refugiados sobre os acontecimentos em Balibó dão a impressão de que pelo menos alguns dos jornalistas podem ter sido assassinados conscientemente pelos soldados indonésios. Estes relatos, embora não sejam determinantes, são regra geral consistentes e podem abrir novos caminhos para um inquérito. As histórias dos refugiados parecem no entanto ser determinantes num ponto: é certamente impensável que o ataque contra Balibó fosse algo que não fosse uma operação militar indonésia, na qual a participação timor era diminuta e de caracter não-combatente. Parece portanto fora de qualquer dúvida que a responsabilidade pelas consequências desta operação cabe ao comando militar indonésio em Timor.

Este relatório não é, em qualquer aspecto, um estudo definitivo das informações disponíveis entre a comunidade timor em Portugal. Factores de tempo e distância fizeram com que não encontrasse um grande número de timores que podiam ter contribuído para o nosso conhecimento sobre aspectos importantes desta situação trágica.

Para não me alongar demais, omiti neste relatório grande número de informações que recolhi durante a minha estadia em Portugal. Em geral omiti também os nomes das pessoas. No entanto, estes podem ser revelados quando necessário, e quando fôr dada a garantia de que não serão utilizados confidencialmente.

J. S. Dunn

NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BREVES ..... NOTICIAS BRE

. A guerra popular de libertação

Cerca de 20 000 soldados indonésios foram mortos em Timor-Leste durante o passado ano e meio, pelas forças da FRETILIN, informou Alarico Fernandes, ministro da Informação e da Segurança Nacional da República Democrática de Timor Leste, através da Rádio Maubere no passado dia 25 de Abril. Tal notícia foi dada "com alegria", como disse Alarico Fernandes, porque são filhos do povo indonésio que estão a ser vítimas de uma guerra injusta de agressão. "Mas nós temos de defender as vidas do povo da República Democrática de Timor Leste do regime criminoso de Suharto".

Segundo informou ainda Alarico Fernandes, entre 15 e 24 de Abril, foram mortos 159 soldados indonésios, num total de 16 recontros entre as FALINTIL e o inimigo.

De acordo com declarações de Roque Rodrigues, membro do Comité Central da FRETILIN e embaixador da RDTL na República Popular de Moçambique, durante a sua recente passagem por Lisboa, "os bombardeiros indonésios têm ultimamente bombardeado os subúrbios de Dili. Ora, com tais operações, os indonésios não pretendem matar mosquitos. Os "mosquitos" são os guerrilheiros da FRETILIN, as heroicas FALINTIL, que estão, de facto, às portas de Dili" - concluiu aquele dirigente.

. Americanos apoiam agressão indonésia

Segundo o jornal australiano "Tribune", do passado dia 20 de Abril, os membros do Congresso americano que recentemente em visita guiada, estiveram nas zonas ocupadas pela Indonésia, deram, abertamente, cobertura à agressão do regime de Suharto contra Timor-Leste.

O congressista republicano Goodling lamentou que a invasão não tivesse tido lugar alguns meses mais cedo". Enquanto que a "democrata Carteriana", Srª. Meyner, apoiou com ardor a "integração", dizendo que não havia falado com ninguém que se lhe opusesse.

Os dois congressistas americanos passaram uma noite em Dili e visitaram outras duas cidades ocupadas pelos indonésios - Baucau e Viqueque. Contudo a srª. Meyner admitiu que durante esta visita tinham sido "acompanhados" por uma numerosa escolta militar no trajecto de 8 Km que separam o aeroporto da cidade de Baucau.

Para o Comité australiano para a Independência de Timor Leste (CIET) a visita daqueles dois congressistas americanos destinou-se a sancionar o incremento da "ajuda" americana ao regime indonésio na sua política de genocídio em Timor Leste.